

# Editorial

## A crise das ciências europeias, de Husserl: Um capítulo central da filosofia do nosso tempo

 diagnóstico feito por Husserl em *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental – uma introdução à fenomenologia*, de acordo com o qual, o reconhecimento do gradativo e intensivo sucesso das realizações científicas, não apenas não nos livra de um profundo e onipresente mal-estar quanto ao sentido da ciência para a vida, como também aprofunda este mal-estar, parece ter chegado a um nível de efetivação tal que, uma ciência cada vez mais segura do seu poder desbravador, convive com uma humanidade cada vez mais miserável e em estado de profunda agonia. A humanidade parece ter se tornado este cordão tendido entre a opulência de poucos e a miséria material e espiritual da esmagadora maioria.

Se na década de 30 do século passado já se mostrava discutível falar de uma crise das ciências – algo reconhecido por Husserl na abertura da introdução de *A Crise das ciências europeias* – em 2022, tanto mais. Não se expressaria em tal discurso um compromisso com formas ignorantes e obscurantistas, porém, nada ingênuas, pois ávidas de poder? Não é justamente graças às realizações da ciência que pudemos, mais uma vez, cumprir o objetivo supremo do esclarecimento que consiste em “[...] livrar os homens do medo e de investi-los na posição e senhores”? (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 17). Como uma estrategista experiente, a ciência projeta e conquista, mesmo que, em determinadas ocasiões, pareça estagnada. O sentido destas pausas, que compõe a própria vida cotidiana da pesquisa científica, somente é apreensível quando surge uma demanda prática de alta relevância: então damos graças a deus, ao diabo ou à sorte por termos ciência, por termos cientistas e por podermos erguer alguma barreira protetora àquilo que nos quer destruir. Nos livrar do medo e nos investir como senhores e senhoras do mundo... Sim, “Mas a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 17): derretimento das calotas polares, aquecimento da temperatura média dos oceanos, fome, miséria, campos de refugiados, secas, inundações, reversão de conquistas políticas e sociais. Somam-se a isso a padronização da produção de alimentos em decorrência da aposta no lucro proveeniente das monoculturas; a destruição da diversidade natural flagrantemente manifesta na extinção de espécies. E, por fim, a destruição da diversidade cultural em decorrência da padronização dos modos de vida; e, como corolário, maturação das condições objetivas que tornam possível a extinção da vida humana.

O caráter notável de *A crise das ciências europeias* consiste, dentre outros, no fato de Husserl não buscar meramente defender entusiasticamente a ciência, tampouco atacá-la odiosamente, como faziam, no primeiro caso, os modernos adeptos das ciências positivas e adeptos da *prosperity* na segunda metade do século XIX, e, no segundo caso, os destroçados pela Primeira Grande Guerra mundial. Husserl busca, sim,

[...] partir de uma outra perspectiva, a partir, designadamente, dos lamentos gerais sobre a crise da nossa cultura e do papel que nela é atribuído às ciências, talvez surjam motivos para submeter a cientificidade de todas as ciências a uma *crítica séria e muito necessária*, sem por isso abandonar o seu sentido primeiro de cientificidade, inatacável na correção das suas realizações metódicas. (HUSSERL, 2012, p. 2).

Neste ponto preciso, encontramos o nó em que se juntam as tendências, os problemas e os propósitos de uma reflexão fenomenológica sobre a crise, quais sejam: 1. O destaque dado à ideia segundo a qual a crise “abala o conteúdo de verdade das ciências especializadas, não os seus resultados teóricos e práticos” (HUSSERL, 2012, p. 8).; 2. A inextricável relação entre ciência e cultura; 3. A identificação da ciência como uma realização humana, cuja sentido deve sempre reportar para esta base de emergência; 4. A retomada da antiga ideia de *episteme* (cumulativa e compositiva à própria ideia de humanidade) contra a concepção positivista de ciência (residual e simplificadora).

Se “meras ciências de fatos fazem meros homens de fatos” (HUSSERL, 2012, p. 3), é necessário repensar a relação entre ciência e humanidade a fim de configurar uma ciência que, antes de tender aos fatos, manifeste um compromisso com a humanidade, de modo a impedir a sua redução à factualidade, à objetividade; trata-se, em suma, do emergir de uma ciência que esteja à altura de incorporar o desafio de pensar o “enigma da subjetividade” (HUSSERL, 2012, p. 3). O que está em jogo, portanto, é uma reflexão sobre o que estaria reservado a uma humanidade que, tendo perdido a crença nos poderes da razão e que, refém do ceticismo e do positivismo, não cresse mais na possibilidade de reconfigurar a relação entre ciência e vida. A retomada de um discurso que apela a um *telos*, no qual ressurge a ideia de que “[...] somos herdeiros do passado” (HUSSERL, 2012, p. 13), leva à colocação de um problema crucial, a saber, aquele da responsabilidade, em que estão conjugados o indivíduo e a humanidade. O que advém aqui é uma responsabilidade do indivíduo enquanto pertencente à humanidade, mas, sobretudo, responsabilidade do filósofo, como uma espécie de *funcionário da humanidade*. A responsabilidade do filósofo é algo peculiar, pois não é responsabilidade apenas pelo seu ser próprio, mas “[...] responsabilidade pelo verdadeiro ser da humanidade, o qual só é na medida em que se dirige a um *telos* e, se *de todo* puder ser efetivado, só o pode ser pela filosofia” (HUSSERL, 2012, p. 13).

No parágrafo de conclusão da primeira parte vemos uma mimetização do tom e do espírito cartesiano expressos no *Discurso do Método*:

Tentarei guiar, não doutrinar, tão só mostrar, descrever o que vejo. Não reivindico mais do que, em primeira linha perante mim mesmo e só então também perante os outros, poder falar segundo o meu melhor saber e consciência, como alguém que viveu até ao fim o destino de uma existência filosófica em toda a sua seriedade (HUSSERL, 2012, p. 14).

Ou seja, a lição de fundo que um filósofo pode apreender é a de que, no mínimo, ele deve se manter fiel ao apelo da filosofia por ser filósofo, fazer-se filósofo, viver filosoficamente! E embora pareça ser pouco, inclusive, tautológico, portanto, menos do que pouco, ainda assim, neste pouco, adequadamente considerado, repousa uma força extraordinária, pois o que resulta deste compromisso pode alcançar o infinito. E a obra do próprio Husserl é uma prova desta força. O que Husserl legou para a filosofia foi uma das mais radicais lições de probidade intelectual, expressa na boa consciência de que é preciso sempre recomeçar, ou melhor, persistir, continuar. Afinal, nem a humanidade, tampouco o pensamento, encontram um ponto de suspensão ou de apaziguamento possível. O fenomenólogo lega também um programa de educação filosófica dificilmente superável, embora também dificilmente alcançável: desen-

volver boa consciência para a reversibilidade e a fugacidade das conquistas humanas, conjugado ao empenho de manter o foco num programa de pesquisa, que é um desafio constante para o pensamento, justamente porque põe “fora de circulação” a satisfação ou autossatisfação com as novas conquistas. Em termos husserlianos, a Filosofia, então, assemelhar-se-ia ao labor de Sísifo, sendo-lhe congênita a infinitude da sua tarefa. Em seu estado nascente na obra de Husserl, a fenomenologia mostra uma dupla face: inquieta, selvagem, mas também, laboriosa, consequente, metódica. A inseparabilidade entre inquietude e método aparece ainda uma vez na obra a que ele dedicou os seus últimos esforços, pois *A crise das ciências europeias* traduz o afã de repensar os impasses, as dificuldades, os becos sem saída; mas também projeta recomeços, apresenta reformulações, expansões; propõe formulações mais amplas, mais coerentes; enfim, apresenta mais uma das versões atualizadas da fenomenologia. Cada nova obra é uma nova introdução à fenomenologia.

Esta característica permite afirmar que Husserl introduziu, em filosofia, o princípio barroco da variação. Mesmo *A Doutrina da Ciência*, de Fichte, que também opera a partir deste preceito barroco, se comparada ao monumento que é a obra completa de Husserl, não pode ser vista senão como um primeiro balbucio de principiante. Barroca, ela é toda constituída de infinitas variações, composta por análises cada vez mais sutis, sobre um grupo reduzido de temas fundamentais. *A crise das ciências europeias* é o documento final, o testemunho derradeiro desta prática filosófica barroca, que faz da conjunção entre repetição, variação e micro-inovação, o testamento filosófico de toda uma vida de pensamento.

Assim, a obra de Husserl inaugurou uma tradição revolucionária que está longe de ter esgotado suas forças e possibilidades. E a recepção do conceito de crise mostra precisamente sua força.

As ideias apresentadas nesta obra, marcaram de um modo indelével, e ainda continuam marcando, não apenas pensadores ligados mais diretamente à tradição fenomenológica, como também outros, de distintas orientações filosóficas. Dermot Moran, nos legou um excelente panorama destas influências em seu em notável *Husserl's Crisis of the European Sciences and Transcendental Phenomenology - An Introduction*.

Segundo Moran (2012, p. 258),

A Crise pode ser vista com uma obra que tem um impacto duplo: “interno” (relacionado com a compreensão da própria evolução de Husserl e do trabalho de seus alunos imediatos) e “externo” (relacionado com os outros filósofos engajados com a obra de Husserl).

E a lista apresentada por Moran dos que foram impactados pela obra é impressionante: 1. Filósofos e historiadores da ciência, influenciados pela mediação de Alexandre Koyré, ex-aluno de Husserl, tais como: Thomas S. Kuhn, Jacob Klein e Hilary Putnam que reconheceram a importância das considerações de Husserl sobre a concepção das revoluções científicas modernas, as considerações sobre a origem da matemática e as transformações efetuadas pelas ciências modernas nas concepções modernas do mundo (Cf. MORAN, 2012, p. 258-259); 2. Filósofos políticos e sociais que pensaram o problema do mundo da vida e das relações sociais, como Alfred Schutz, Hannah Arendt, Thomas Luckmann e Peter Berger (Cf. MORAN, 2012, p. 259); 3. Pensadores alemães como Theodor Adorno, Hans-Georg Gadamer, Helmuth Plessner, Jürgen Habermas, Herbert Marcuse, Hans Blumenberg, Klaus Held, Bernhard Waldenfels, Ernst Wolfgang Orth, Dieter Lohmar e Elmar Holenstein, influenciados diretamente pelas “reflexões de Husserl sobre filosofia, ciência, razão instrumental, mundo da vida, familiaridade e alteridade” (MORAN, 2012, p. 261); 4. Seus alunos mais próximos, dentre eles, Alfred Schutz, Aron

Gurwitsch, Eugen Fink, Jan Patočka and Ludwig Landgrebe, também foram profundamente impactados pela “visão final da fenomenologia”; 5. Na França, a *Crise* inspirou o diagnóstico de Maurice Merleau-Ponty, Paul Ricœur e Jacques Derrida; 6. Nos Estados Unidos, ex-alunos de Husserl que emigraram aos EUA, tais como, Aron Gurwitsch, Alfred Schutz, Felix Kaufmann e Herbert Spiegelberg contribuíram para a recepção e a promoção da filosofia madura do mestre, juntamente com os americanos Marvin Farber e Dorion Cairns. (Cf. MORAN, 2012, p. 261-262).

Os artigos que compõem este *Dossiê Crise* se articulam com alguns dos problemas gerais legados pelo conceito husserliano de Crise, tal como apresentados sucintamente acima, e exploram alguns dos seus desdobramentos e implicações. O Dossiê é composto por artigos dedicados mais diretamente 1) ao tratamento dado por Husserl ao tema da crise, mas também por outros artigos que 2) abordam as influências que impactam a constituição da sua abordagem ao problema da crise. Ainda compõem o Dossiê textos que 3) tratam da retomada do conceito de Crise por pensadores e pensadoras ligados à tradição fenomenológica; e, por fim, colaborações que 4) tematizam fenomenologicamente o problema da crise a partir dos eventos contemporâneos ligados à pandemia.

Isso posto, caberia ainda retratar minimamente a imagem que dá vida ao Dossiê. O quadro, *A Batalha (Gefecht)* de Paul Klee, sugere, para além do ideal clássico pictórico, em linhas animadas, lutadores em movimento. Assim, como uma coleção de quadrângulos sobrepostos, transparentes e listrados, os combatentes podem ser identificados por seus pés desenhados na forma de linhas. A dilaceração carnal ganha evidência pelas manchas vermelhas sob os corpos em batalha. Ora, esse combate – pincelado por linhas que se chocam no centro imagético em um pano de fundo de cores primárias e a pequena lança que aponta sua ponta em forma de gancho para os combatentes – é um convite kleiano a repensar certo ideal de “sujeito” em profunda crise. A tela lembra também uma vidraça, a vidraça da nossa subjetividade que se quebra, inelutavelmente, mas, que se conflita a si mesma, em meio ao derramamento de sangue. Essa “hemorragia”, para metaforizar, em termos sartrianos, de uma consciência agonizante em seu último suspiro deflagra um *Eu* estilhaçado, refletido como um espelho que trinca, que implode violentamente em meio às agruras do entreguerras... É o reflexo de uma crise anunciada; sanitariamente insuflada, carcomida, enferma.

Além do Dossiê Crise, o número contará, também, com artigos recebidos em regime de fluxo contínuo contemplando assuntos da Filosofia Teórica e da Filosofia Prática. Assim, o número conquista uma qualidade que, sem dúvida, convida todos a uma excelente e prazerosa leitura.

#### Os organizadores

Claudinei Aparecido de Freitas da Silva (UNIOESTE)

José Fernandes Weber\* (UEL / UNIOESTE)

---

\* Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual de Londrina (UEL). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8402-7224>. Email: [jweber@uel.br](mailto:jweber@uel.br). Pesquisa financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/CNPq/Brasil, por meio da concessão de Bolsa de Pós-Doutorado Sênior (Processo: 101957/2022-0), desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Paraná (UFPR), supervisionada pelo Prof. Dr. Antonio Edmilson Paschoal e de Bolsa de Produtividade em Pesquisa, nível 2 (Processo: 313373/2021-3).

## Referências

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

HUSSERL, Edmund. *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental – uma introdução à filosofia fenomenológica*. Tradução de Diogo Falcão Ferrer. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

KLEE, P. *Gefecht*. 1930. (Guache sobre cartão, 36.2 cm x 47.8 cm, Bowdoin College Museum of Art, Brunswick, Maine, EUA).

MORAN, D. *Husserl's Crisis of the European Sciences and Transcendental Phenomenology – An Introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.